



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: TRAJETÓRIA DE UMA ESTUDANTE DA REDE MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS

Gabriel Luiz Manrique Ursini¹; Matheus Giacomo de Luca²

¹Mestrando em história pela Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail:
gabriel_lmu@hotmail.com

²Graduando em história pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail:
matheusg_deluca@hotmail.com

EIXO TEMÁTICO: SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E DIVERSIDADES

RESUMO

O presente pôster visa analisar a trajetória de vida de uma estudante da educação de jovens e adultos na rede municipal de ensino de Florianópolis. Para isso, serão utilizadas, como fontes principais da pesquisa, entrevistas realizadas com a estudante ao longo da disciplina de Estágio Obrigatório I pela graduação em história na Universidade Federal de Santa Catarina no primeiro semestre de 2016. Dessa forma, esse trabalho tem o objetivo de analisar as vivências de uma aluna da educação de jovens e adultos, na escola Donícia Maria da Costa, na rede municipal de Florianópolis. Procura-se investigar as percepções acerca da trajetória de vida, em relação às questões sociais e educacionais. Busca-se um estudo que identifique, pela memória da pesquisada, obtida por meio de entrevistas, elementos que respondam a questões gerais da problemática educacional de jovens e adultos. Deseja-se, por meio de uma análise da memória, identificar questões presentes na ampla problemática da educação de jovens e adultos que serão respondidas com um caso específico. Em outras palavras, um dos anseios desse trabalho é que a relevância da pesquisa seja dada pela possibilidade de se responder perguntas gerais com elementos específicos, o que de certa forma aparece como mote no que diz respeito ao ofício do historiador, assim como coloca Levi (2000). Os pesquisadores envolvidos na pesquisa são graduandos do curso de história, sendo que um deles realiza um mestrado simultâneo à graduação, e buscam um maior aprofundamento em questões relativas ao contexto social dos envolvidos nas questões da educação de jovens e adultos, tanto por parte dos alunos e alunas como por parte de professoras, professores e demais pessoas envolvidas no processo de aprendizagem da instituição de ensino. Todavia, foi escolhida a narrativa particular de uma aluna, Maria Noélia Pires, de 60 anos como forma de se responder questões que apenas uma análise específica, de um caso particular, poderia responder. Nesse sentido, é importante deixar claro que o pôster não busca uma generalização das questões abordadas pela análise da aluna, mas sim, uma ampliação das possibilidades de interpretação da realidade dos envolvidos no processo educacional de jovens e adultos. O pôster encontra-se dividido em duas partes principais, uma que remonta à trajetória de vida de Noélia até sua vinda para Florianópolis e seu ingresso na escola, para retomada dos estudos interrompidos na infância e adolescência, e outra parte que remonta à vida escolar da investigada, que também não deixa de lado outros elementos da vida de Noélia. Dessa forma, verifica-se que as duas partes da pesquisa encontram-se conectadas, porém, optou-se por uma



divisão pelo fato de que são muitos os elementos disponíveis para a criação de uma análise aprofundada que descortine elementos do passado que sejam indispensáveis para uma boa interpretação do contexto social em que Noélia se encontrava e se encontra. Autores como Freitas (2009), Grossi (2004), Oliveira (2004) e Freire (2000) ajudarão a aprofundar a discussão teórica, que dará ênfase às relações educacionais, sem deixar de problematizar outras questões envolvidas no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Vivências, EJA, Florianópolis.

EJA DONÍCIA MARIA DA COSTA: LOCALIZAÇÃO, ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO

A EJA Donícia Maria da Costa está localizada no bairro Saco Grande, na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Se encontra próxima a um famoso shopping, que é frequentado pelas classes sociais mais abastadas da cidade, tendo em contraste uma comunidade de classe média baixa, formada em sua maioria por trabalhadores assalariados, mostrando assim a desigualdade latente que é marca da sociedade brasileira. Isto fica ainda mais visível quando se observa como o poder público trata a região mais próxima ao shopping em comparação ao resto do bairro. Por exemplo, a iluminação é melhor, ruas são mais bem sinalizadas e limpas, além de a ciclovia – que pressupõem, além de um meio de locomoção alternativo, o lazer que é direito de todos os cidadãos – existir apenas ao redor do shopping, ou seja, a luta de classes¹ é evidente na localidade em que se encontra a escola.

Os alunos que frequentam a EJA Donícia Maria da Costa vivem esta realidade, visto que muitos moram próximos à escola. Dessa maneira, os alunos vivem de forma concreta uma realidade de desigualdade social que é transferida para o ambiente escolar. Tal constatação pode ser evidenciada pela tópicos abordados nas pesquisas realizadas pelos alunos e com mais clareza no relato de vida da aluna Noélia.

Com relação a estrutura da escola, ela é relativamente bem equipada, visto que os alunos podem usufruir de um laboratório de informática, o que facilita as pesquisas, de um laboratório de ciências para algumas aulas práticas, além de um auditório que contém projetor para as apresentações das pesquisas dos estudantes. O que deixa a desejar são as salas de aulas, visto que elas não contêm projetores para cada uma, que é uma ferramenta interessante para o ensino-aprendizagem. Já o refeitório é amplo e

¹ O termo classe é utilizado ao longo desse trabalho valendo-se da diferenciação de renda existente na sociedade. Consideram-se as diferentes classes sociais dos sujeitos analisados.



consegue dar conta da demanda dos estudantes que frequentam o escola durante a noite, o cardápio é variado, tendo desde de sopa até sanduíches durante a semana. Por fim, para a prática de esportes, existem duas quadras, sendo uma coberta, mas que apresenta algumas goteiras, o que prejudica as atividades em dias de chuva, visto que pode acontecer algum acidente envolvendo os alunos da EJA.

O funcionamento da escola, mais especificamente o horário de aula da EJA, ocorre de segunda a sexta-feira das 19:10 às 21:50. Os alunos, ao chegarem na escola, recebem um café da tarde e então se encaminham para as salas de aula. Começa, então, o processo de ensino aprendizagem em sala de aula. Esse processo é multidisciplinar, isto é, vários professores de múltiplas disciplinas construindo junto com os educandos o conhecimento, sempre em diálogo permanente, como indica Paulo Freire

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2014, p. 109).

Dessa maneira, o diálogo é importante para a formação de cidadãos críticos e que atuem na sociedade, não sendo apenas indivíduos passivos que recebem ideias prontas e engessadas. É esse o grande objetivo das pesquisas em diálogo com os alunos e professores, pois elas partem dos próprios alunos, do que eles desejam aprender um pouco mais, quais as suas dúvidas e anseios quanto ao mundo real, e como podem atuar nele para sua transformação e da realidade em que vivem.

As pesquisas realizadas na escola são realizadas com base em vivências dos alunos que são trazidas para o ambiente escolar. A ideia das pesquisas é que os problemas a serem pesquisados surjam dos próprios envolvidos no processo de aprendizagem. Dessa maneira, busca-se uma educação que consiga um maior envolvimento dos alunos. Magalhães (2009) apresenta uma síntese analítica acerca do método utilizado, para a realização de pesquisas, na educação de jovens e adultos da rede municipal de Florianópolis. A pesquisa do autor evidencia a interdisciplinaridade da pesquisa e aponta o engajamento dos alunos com as práticas escolares.

Com o término das pesquisas em sala de aula, os educandos preparam uma apresentação, normalmente em PowerPoint, e apresentam para os seus colegas no auditório da escola. Esse momento é muito rico, uma vez que professores, alunos e



demais funcionários acompanham a exposição, gerando debates entre todos os envolvidos.

Por fim, é feita uma avaliação não só dos professores, mas de todos os estudantes que acompanharam a oficina, para dar sugestões ao trabalho apresentado.

Após essa pequena apresentação da localização, estrutura, e funcionamento do ambiente de ensino-aprendizagem, irá se passar para uma análise específica da vida de uma aluna, Noélia Pires, para problematizar as dificuldades de permanência escolar numa sociedade tão desigual como a brasileira, além da internalização do fracasso que ela demonstrou durante as entrevistas, que se deve em grande parte ao mito da meritocracia.

A VIDA DE NOÉLIA ATÉ SUA VINDA PARA FLORIANÓPOLIS

Maria Noélia Pires nasceu em Torres, uma cidade localizada no interior de Acarape, no estado do Ceará. Durante a infância a mudança de cidades foi constante por conta do trabalho de seu pai, que era motorista. Nota-se, na memória de Noélia, que há uma relação direta com as decisões tomadas pelo pai e os rumos familiares. Em uma das entrevistas realizadas, evidenciou-se que o papel financeiro para o custeio das despesas familiares era proveniente do salário do pai. Nesse contexto, é interessante destacar a relação existente entre o “poder econômico” utilizado pelo pai, por conta do recebimento de seu salário como motorista, e os rumos familiares a serem tomados. Noélia destaca que haviam fortes desavenças familiares, principalmente entre ela e seu pai, o que, no caso da relação entre seu pai e sua mãe, fazia-se com que mesmo um caso extraconjugal não gerasse uma possibilidade de ruptura com as relações familiares.

Noélia: Porque no dia que minha mãe tava tendo o meu irmão, o pessoal memovierodi lá [do cabaré] e dissero pra minha mãe, minha mãe sofrendo e ele lá com ela no colo, essa mulher [amante do cabaré].

E, em outro momento da entrevista, continua:

Gabriel: Mas ele continuou na casa de vocês?

Nélia: Ele morreu dentro de casa com a gente, ele fazia essas coisa má ele ficava dentro de casa. Ele não largava a gente, ele era... é porque ele bebida né, pessoa que bebe, sabe... quer dizer, eu acho, assim, que a pessoa aproveita a bebida pra pode se o que ela não é, só isso.



Verifica-se uma estruturação familiar que não dava amparo para um desenvolvimento escolar satisfatório de Noélia. Sobre tal ponto, o relato abaixo abordará, principalmente por conta de um relato de castigo sofrido, aspectos que podem ter sido causadores de uma falha no processo educacional. Contudo, ainda nessa parte da primeira etapa da vida, antes da vinda para Florianópolis, é importante destacar que a família da entrevistada não possuía uma estruturação que desse respaldo para os anseios de Noélia para adquirir novos saberes². Segundo Lorena Freitas:

Uma família estruturada organizada (ou estruturada) não é necessariamente aquela em que exista a figura biológica do pai e da mãe, mas sim aquela em que as funções sociais de pai e mãe sejam preenchidas, independentemente do vínculo biológico com a criança. Isso serve para qualquer pessoa que cumpra a função de amar, proteger e cuidar dessa criança, garantindo um ambiente seguro e emocionalmente equilibrado, e que seja capaz de satisfazer as demandas afetivas e de construir a autoconfiança infantil. Esse tipo de estrutura familiar se contrapõe ao que chamamos de família desorganizada, que é o tipo de configuração familiar marcada pela desorganização da vida econômica e moral de seus membros. A família desorganizada é aquela que não consegue cumprir a função de garantir o desenvolvimento satisfatório da segurança afetiva entre seus membros, não conseguindo garantir aos seus filhos a segurança de "saber-se amado. (FREITAS, 2009, p. 282-283).

Noélia relata que havia a preocupação do pai para que os filhos sempre estivessem trabalhando, o que ganha uma recordação quando a entrevistada repete a frase que o pai sempre utilizava: “não trabalho para sustentar vagabundos”. Assim, nota-se que havia outros elementos do cotidiano na vida de Noélia que faziam com que a educação, nesse momento, não fosse a maior prioridade.

A entrevistada ainda destaca que, ao longo de sua infância, havia pouca possibilidade de se realizar brincadeiras, porém, brincar foi sempre um incentivo da mãe, que a presenteava com brinquedos. Noélia conta que percebia que a mãe sentia que havia uma necessidade de maior atenção para com ela, em relação aos outros irmãos. Por ser a irmã mais velha³, a entrevistada relata que acabava por ficar responsável pelos mais novos, o que impossibilitava a mesma oportunidade de realização de práticas infantis como ocorriam com outras crianças. Outro ponto destacado é a forma pela qual se dava, novamente, a relação entre Noélia e o pai. Observa-se, ao analisar as falas, que havia uma espécie de freio para com as práticas sociais comuns, de pessoas na mesma

² Tal questão será exposta ao fim do artigo, quando se questiona Noélia sobre qual o seu interesse em voltar a estudar na EJA.

³Noélia é a mais velha entre nove irmãs e irmãos. Ao todo, contando com Noélia, são 6 irmãs e 4 irmãos.



idade de Noélia, simplesmente para não gerar motivo de “desconfiança” por parte do pai. “Desconfiança” é o termo usado por Noélia para contar que não queria gerar suspeitas no pai de que não fosse uma boa moça.

Tal concepção, remonta à análise feita por Grossi (2004) ao expor a honra, na construção da masculinidade como sendo dependente da capacidade do homem em controlar os anseios femininos de sua família, especificamente, no que diz respeito ao controle da “mulher” e das “filhas”. As fontes utilizadas nessa pesquisa, provenientes da memória de Noélia, não fornecem vestígios suficientes para uma análise tão aprofundada. Porém, abrem a possibilidade de uma interpretação que remete a uma concepção de masculinidade, por parte do pai, em que há a preocupação de que não seja “manchada a honra da família”, ou, em melhores termos, que não seja “manchada a honra do pai”. O discurso de Noélia, que aponta para uma preocupação nesse sentido, de “não dar motivo”, reforça a mesma lógica discursiva que pode ter sido proveniente de uma construção de uma masculinidade. A entrevistada chega a relatar o início da vida sexual como algo que aconteceu somente em uma idade avançada, após a saída da casa dos pais, o que reforça tal posicionamento.

Outros elementos que são abordados em sua narração dizem respeito à sua trajetória de vida ao se mudar para o Norte do Brasil. Noélia relata que foi primeiro para Rondônia para trabalhar de empregada doméstica e, aos 29 anos, sem saber ler nem escrever, muda-se para o estado do Pará acompanhando uma amiga. Chegando no novo estado, o seu primeiro emprego foi de manicure. Nessa parte da entrevista, Noélia aponta a exploração sofrida ao se mudar para a casa de uma amiga, namorada de seu irmão. A entrevistada conta que trabalhava o dia inteiro sem receber salário por isso, o que é percebido por uma outra amiga que lhe faz uma proposta para receber um trabalho remunerado e sair de tal condição.

Gabriel: Da casa dela a senhora foi já pro Pará?

Noélia: Não, aí primeiro foi assim: a mulher viu que ela me explorava muito, né [*quando era empregada doméstica sem receber por isso*]. Porque era assim, lá eu era faxineira, eu era babá, eu era cozinheira, eu era lavadeira, eu era tudo na casa dessa mulher. A casa dela era um brinco.

Enfatiza-se o elemento, presente na memória, de que as mudanças de localidade serviriam para romper com antigas relações familiares. Entretanto, é preciso que se pondere o peso das colocações e se relativize o papel da memória. “Eu não tenho muita



lembrança, eu sou muito esquecida, mas eu sei que eu trabalhei muitos anos”. Não se pode tratar os vestígios provenientes da memória sem uma crítica documental que leve em conta outras fontes. Porém, para a construção do artigo, há uma impossibilidade em se realizar tamanha empreitada em tão pouco espaço de trabalho. Assim, fica-se a evidência de que existe uma possibilidade para tais acontecimentos. Todavia, é preciso apontar que documentos historiográficos, como as fontes orais, devem, para evitar armadilhas causadas pela memória, ser tratados como documentos monumentos, conforme aponta Le Goff (1994). É preciso buscar a intencionalidade do que se coloca para análise. Necessita-se investigar de que forma a documentação chegou até o pesquisador que a analisa. No caso das fontes orais, produzidas pelo próprio pesquisador, é preciso que, no ato de produção, se faça um trabalho que se atenha ao projeto de pesquisa de forma a evitar, ao máximo, elementos que distorçam o andamento da entrevista. A subjetividade do entrevistador e do entrevistado, bem como vários elementos que condicionam a memória, como a necessidade de criação de uma sequência narrativa lógica na cabeça do entrevistado, são algumas das problemáticas existentes para quem utiliza fontes de memória oral.

Há ainda uma questão intrigante sobre a vida da entrevistada. Antes de residir em Florianópolis, Noélia trabalhou em um garimpo no norte do país.

Gabriel: E como que era? Como foi o começo?

Noélia: No garimpo? Era meio porque eu era uma pessoa bicho do mato, eu era muito envergonhada, sabe, eu era bem envergonhada. Mas só que lá eu apenas... eu era cozinheira, eu não me metia em nada, só na cozinha lá.

Gabriel: E como é que era o trabalho lá? Como é que funcionava?

Noélia: Do garimpo? Era assim, a gente acordava cedo, mas só trabalhava mais na parte da manhã. Fazia só o almoço, a tarde o tempo da gente era quase todo livre. Inclusive eu ia pro Igarapé lava roupa, toma banho.

Gabriel: Como é que funcionava ali o salário? A senhora trabalhava...

Noélia: É na época, se eu não me engano eu não sei se eu ganhava... eu ganhava trinta grama de ouro, acho era, em ouro. Aí eu vinha pra cidade, vendia. E as vezes não ficava só nisso, que as vezes os pião pedia pra eu lava roupa né, aí eles me pagavam também, aí juntava. Mas só que devido as malária que eu tive, né... porque eu tive muita malária. Teve um ano que eu passei dois meses boa e o resto do ano todinho doente. E era forte as malária, até hoje eu ainda sinto dor de cabeça, porque ela dá muita dor na tua cabeça, fraqueza... é... era... febre, febre, tem dia, assim, que eu sinto meu corpo como se eu tivesse com febre, eu acho que ainda é ela, que nunca saiu de mim. A gente tomava remédio, mas não era os remédio que curava tanto.

Diante das questões já relatadas nesse artigo, ainda se levanta a problemática da inserção de uma mulher em um trabalho socialmente colocado como masculino.



Noéliatrabalhou por um tempo como cozinheira em garimpo e relata que não conseguiu juntar dinheiro algum desse período por conta da quantidade de doenças contraídas na época. A entrevistada relata que ainda sofre com algumas sequelas que acredita serem provenientes das várias vezes em que contraiu malária.

Outro ponto, sobre a trajetória de vida, está na vinda para Florianópolis.

Gabriel: A senhora veio pra cá por...

Noélia: Por intermédio...

Gabriel: Mas veio pra trabalhar aqui?

Noélia: Não, eu vim fica cuidan... ajudando a minha irmã cuida das minha sobrinha porque na época elas eram tudo pequena. E ela vinha pra lugar que ela não conhecia direito né. E ela acho que era melhó a irmã dela vim pra cuida das filha dela do que uma pessoa estranha né. Porque uma, que as minha sobrinha já tinha sofrido demais, minha irmã sempre trabalho, boto gente pra cuida e as pessoas maltratavam e tudo, aí ela acabo que me trazendo né. Aí ela me trouxe...

Gabriel: Isso foi quando?

Noélia: Foi nos anos 90 por aí. Eu não tô bem lembrada não porque como eu te disse, eu sou bem esquecida

Nota-se uma vinda para Florianópolis por conta da existência de familiares na região, o que possibilitou uma certa “estabilização” na vida e, conseqüentemente, uma retomada nos estudos. Tido como um elemento de interesse da entrevistada.

A VIDA ESCOLAR

Até esse momento do artigo apresenta-se uma análise da vida de Noélia até sua chegada a Florianópolis. O que se deseja agora, é uma investigação que relacione aspectos da vida da entrevistada com a dinâmica da vida escolar apresentada. Sobre essa questão, de início pode se destacar que

[...] dois fatores fundamentais, desorganização familiar e má-fé-institucional, determinam trajetórias de vida marcadas pelo fracasso escolar e posteriormente profissional, em que o fracasso coletivo de toda uma classe se obscurece enquanto tal e aparece a todos, principalmente àqueles que o sofrem, como fracasso individual, responsabilidade pessoal de cada indivíduo. (FREITAS, 2009, p. 281-282).

As falhas, por parte da família aparecem, possivelmente, por uma questão de não incentivo. Nesse sentido, esse não incentivo provém de uma família desestabilizada, seja culturalmente, materialmente e afetivamente. A partir dos relatos da entrevistada, evidencia-se o quanto faltou para ela esses três pilares para um bom desempenho escolar, visto que o pai a maltratava, sua família tinha condições materiais precárias e o



incentivo à leitura, por exemplo, não existia. E com relação a má fé institucional como um fator que contribui para o fracasso escolar, pode ser visto no seguinte depoimento da entrevistada:

Noélia: E eu me destacava na escola. Uma vez eu tenho uma história que eu peguei, eu, a professora foi dá a tabuada pra gente né, que na época o mais era tabuada né, tinha palmatória né. Aí a professora foi dá a tabuada pra gente, eu acertei a tabuada e teve outro guri que não acerto. Aí a professora disse – então ele não acerto, ele vai leva palmatorada e é você quem vai dá. Só que eu fui dá palmatorada no menino, invés de eu te dado aqui na palma da mão, eu dei bem aqui nisso aqui do menino. O menino saiu aos grito e chorando.

A partir de uma análise mais cuidadosa do evento narrado, podemos notar como esse tipo de episódio pode ter gerado experiências negativas que podem ter feito com que a entrevistada internalizasse traumas, gerando problemas para seu avanço escolar, isto é, a má fé institucional reprimindo o aluno desde a infância.

Nesse sentido, nota-se que é comum o aluno internalizar o fracasso escolar, ou seja, internalizar o malogro de toda uma classe desprovida em uma culpa puramente individual, como se as suas escolhas fossem inteiramente racionais e não existissem pré-escolhas para pessoas como Noélia, que são privados de competir em patamar de igualdade pelos bens simbólicos e materiais escassos. No caso em questão, é possível perceber tal dinâmica. Nota-se, na fala de Noélia, que há um sentimento de culpa em relação ao "fracasso" escolar vivenciado.

Gabriel: Mas o professor também não tem... a senhora acha que o professor não tem um papel...

Noélia: Não, claro que tem, pois é, eu digo no geral, professor e tudo. Não tem nada a vê que o professor não seja pra mim, eu nunca tive nenhum professor ruim, nunca, sempre eu valorizei o professor, sempre, sempre na minha vida eu dei muito... Apesar que eu não queria estudar, mas eu não era contra professor, nunca fui contra, pelo contrário. E outra, sempre achei que a culpa era minha. [...] A culpa foi toda minha, foi minha, eu que não quis estuda, não foi culpa dela, nem dos professores. E até hoje, eu não boto culpa em professor, a culpa é minha, porque se eu não venho estuda, como é que os professores vão me ensina, né? É, é isso, mas eu gosto de aprender, só que é o que eu digo, minha cabeça é cruel pra aprender as coisa, eu memo me culpo de eu não quere, ou então de eu já não te aprendido é tudo culpa minha, não é de ninguém, eu tive bons professores na minha vida, graças a Deus.

O discurso de que o aluno é o responsável direto pelo "fracasso" vivenciado no período escolar ganha força por toda uma dinâmica social no qual os principais atores do processo educacional estão envolvidos. A aluna ou o aluno acabam por não receber incentivos para que continuem a desenvolver a busca de saberes. Quando os incentivos



ocorrem, toda a dinâmica social em se está envolvido faz com que pareça muito difícil um rompimento para com uma certa "ordem vigente". Nessa perspectiva, verifica-se que também podem acontecer casos

[...] os conselhos e incentivos a favor dos estudos não encontram um terreno fértil onde possam florescer, visto que esses incentivos não vêm acompanhados de exemplos concretos que os legitimem, uma vez que os próprios familiares possuem uma relação emocionalmente distanciada com o conhecimento. (FREITAS, 2009, p. 288).

Como forma de rompimento para com a forma como as relações sociais determinam a vida do sujeito, uma saída poderia ser uma busca por socialização, porém, essa socialização deveria vir desde o âmbito familiar, algo que não ocorreu com Noélia. Entende-se que a questão da socialização é fundamental para o desenvolvimento de uma maior possibilidade de “sucesso” escolar, levando-se em conta a vasta significação que o sucesso escolar possa vir a ter. Evidencia-se que

Apenas os sujeitos que tiveram uma socialização capaz de desenvolver neles uma identificação afetiva com o conhecimento, concentração para os estudos, disciplina, autocontrole e capacidade de pautar suas ações no presente a partir de um planejamento racional do futuro são capazes de incorporar conhecimento para se inserir no mundo do trabalho qualificado e ser úteis e produtivos à sociedade. (FREITAS, 2009, p. 288).

A questão cultural é, também, colocada como fundamental para um melhor entendimento da dinâmica que permeia as relações educacionais. O capital intelectual e cultural apresenta uma ferramenta que gera possibilidade de confronto e mudança na ordem educacional vigente.

No que diz respeito aos grupos culturais a que pertencem esse sujeitos, esses têm sido descritos como bastante homogêneos, compostos primordialmente por cidadãos de baixa renda, migrantes que chegaram às grandes metrópoles provenientes de áreas rurais empobrecidas, filhos de trabalhadores rurais não-qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), com passagem curta e não sistemática pela escola e inseridos no mercado de trabalho em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência com trabalhadores rurais na infância e na juventude. (OLIVEIRA, M, 2004, p.59).

O caso específico de Noélia descortina questões negativas que abrem a chance de interpretação para outros casos que possuam similaridades. Noélia retrata um dos castigos praticados pelo pai no momento em que é questionada sobre a idade em que interrompeu e como se deu a interrupção dos estudos.



Gabriel: É sobre a infância mesmo. Eu queria saber com quantos anos de idade a senhora deixou o ensino, a escola? E por quê?

Noélia: Ah, eu estudava por pedaços. Assim, eu acho que as vezes eu não passava nem um ano estudando. Eu acho que é justamente, eu não fui uma pessoa, assim, tipo esse povo, revoltado, porque pelo que eu passei era pra eu ser uma pessoa muito revoltada, mas nunca fui, nunca fui. Não sei também se é porque o meu pai assim era muito rígido, me batia, ele me bateu muito meu pai. Uma vez ele, porque a gente morava no interior, aí ele no mato, assim, as vezes num tem aqueles, aquelas, arvores que tem aquelas forquilha assim, não sei se vocês sabe, tem umas flor, aí dava umas forquilha grossa né. Aí na época o pessoal tinha moinho né, minha mãe gostava muito dessas coisa, moinho, fazê as coisa em moinho, milho ela gostava de passa em moinho né. Aí a minha mãe mando eu fazer, assim, uma forquilha com o moinho e uma tábua assim, porque era forquilha assim, aí botava a taboa assim no moinho pra bota o moinho né. Fazia no chão um buraco e botava e fincava aquela forquilha lá pra faze o moinho né, o negócio pra bota o moinho. Aí ele pego um dia e me amarro quase cócura assim, de braço pra trás, eu minino né, ele [o pai] me amarrô e eu fiquei desse jeito assim, de braço pra trás.

Ratifica-se a questão familiar como elemento que exerce um forte peso nas condições de manutenção dos estudos da entrevistada. Apesar da limitação do tipo de fonte utilizada nesse artigo, novamente, se pode auferir que as possibilidades da entrevista, ao se analisar o castigo exposto por sua fala, não geravam as condições adequadas para a busca de um melhor desenvolvimento, no que se refere às vivências escolares. Seguindo a mesma linha metodológica, pode-se verificar, em outra parte da entrevista, um evento que descortina o despreparo ou a falta de comprometimento com o desenvolvimento escolar de Noélia por parte de uma de suas professoras. A entrevistada relata que em certo episódio, por ter realizado uma tarefa, se destacando em relação a um outro colega, teve que castigar o colega que não teve um bom desempenho, no qual teve que dar uma reguada na mão do companheiro de sala.

Uma análise mais cuidadosa do evento demonstra como esse tipo de episódio pode ter gerado experiências negativas que podem ter feito com que a entrevistada internalizasse traumas, gerando problemas para seu avanço escolar. Uma criança que aprende, na escola, que seu sucesso escolar pode gerar problemas, sofrimentos, para outros indivíduos, acaba criando que tipo de expectativas em relação ao seu desenvolvimento escolar? Essa é apenas uma das questões que surgem quando se busca investigar a trajetória escolar de Noélia. O caso relatado remonta uma série de problemáticas que evidenciam dificuldades na trajetória escolar.



OFICINA: O MITO DA MERITOCRACIA⁴

A partir da história de vida de Noélia Pires, foi pensada a oficina que deveria ser apresentada como parte do estágio. O tema escolhido foi “O mito da meritocracia”, visto que a entrevista com a estudante da EJA nos mostrou toda a dificuldade enfrentada por ela ao longo de sua vida, como ter que largar os estudos para trabalhar e toda desestrutura familiar, e mesmo assim ela internalizava o fracasso, colocando a culpa apenas em si mesma, reproduzindo frases como: “eu não estudei porque eu não quis”.

A oficina foi pensada para um período de aproximadamente 2 horas e meia, com um intervalo de 20 minutos. O objetivo da dinâmica era a realização de uma provocação com os alunos e alunas, fazendo com que problematizações acerca do uso do conceito surgissem dos próprios envolvidos na atividade. A atividade começou com um jogo de perguntas e respostas, cada pergunta tinha 5 alternativas sobre conhecimentos gerais. Para iniciar a atividade, ficou decidido que o primeiro a ter direito a resposta seria o(a) estudante que tinha o celular mais bonito (na concepção do professor que escolheu). Se o aluno(a) acertasse a resposta teria o direito de continuar respondendo sem dar chance para os outros colegas. Como prêmio seria dado uma bala para cada resposta certa. Ocorreu que a aluna escolhida acertou todas as respostas, não dando chance para os outros responderem, ou seja, as oportunidades não foram iguais, o que gerou algumas reclamações por parte dos que não participaram.

Em um segundo momento passou-se a mostrar algumas imagens de pessoas famosas que teriam conseguido “subir na vida” por puro mérito, entre eles: Eike Batista e Bill Gates. A partir da exposição das imagens, se começou a desconstruir com os alunos a meritocracia, mostrando toda a relação familiar e social que esses indivíduos famosos tiveram para conseguir alcançar os seus objetivos. Entre os atributos necessários foram destacadas as “portas abertas” por meio de relações pessoais, o fato de não se precisar trabalhar enquanto se estuda, a família ser bem estruturada, acesso a um capital cultural e afetivo. Em seguida, foram expostos alguns *memes*⁵ que exaltavam a meritocracia, por exemplo, a imagem que mostrava um homem da periferia que

⁴ Meritocracia diz respeito a um predomínio, em uma sociedade específica, daqueles indivíduos que possuem maior mérito. Ou seja, daqueles que são mais trabalhadores, dedicados, esforçados, etc..

⁵ Imagens que utilizam o conceito que foram veiculadas em massa, retiradas da internet.



supostamente havia passado em medicina e não havia precisado de cotas⁶. A partir desse exemplo, se buscou a demonstração de que essas pessoas são exceções e não a regra, e que as cotas raciais e de renda são necessárias para uma sociedade mais justa.

A questão das cotas abriu um debate sobre o papel das políticas públicas na diminuição de desigualdades sociais. Mostrou-se, ao longo da oficina, a diferenciação de renda entre a população negra, de forma exemplificada, com o restante da população. Assim, o que se desejou problematizar foi como as cotas, como exemplo de políticas públicas, poderia ser um mecanismo para a diminuição de desigualdades históricas, provenientes sobretudo de um nefasto processo de escravidão que existiu no Brasil. Colocou-se que a questão da busca por igualdade na aplicação de políticas públicas que diminuem o nível de desigualdade social.

Por fim, foram exibidos alguns *memes* que criticavam a meritocracia, demonstrando que ela não existe em uma sociedade extremamente desigual como a brasileira. Foram apresentados vários exemplos onde as oportunidades entre as classes sociais são distintas, como as pessoas não saem do mesmo lugar e a importância do capital cultural⁷ (livros, teatro, bons filmes), afetivo (família estruturada, pai/mãe/avó, avô/tio/tia/), dessa forma entende-se que quem cria a criança tem uma boa relação familiar) e material (acesso aos bens como tecnologia, além de poder comprar o tempo livre dos filhos) influenciam nas conquistas dos indivíduos, como bem exemplifica Jessé Souza

[...] as classes do privilégio – sempre injusto, posto que transmitido desde o berço, que jamais se escolhe – são as classes que monopolizam os capitais econômico e cultural. Como essa herança é sempre família, seja ela econômica, e portanto mais visível, seja ela cultural, e assim menos visível, as classes sociais vão determinar todas as chances de sucesso ou fracasso para qualquer indivíduo do mundo. É a distribuição desigual desses capitais desde o berço que irá determinar as chances relativas de todos os indivíduos na luta de todos contra todos na competição social pelos recursos escassos. (SOUZA, 2016, p. 59).

O que se buscou com a oficina não foi fazer com que os alunos se tornem inertes, mas que eles consigam perceber as injustiças que os cercam e enfatizar que eles não são fracassados, e sim que precisam lutar por seus direitos, visto que educação é um

⁶ Retirado de páginas do facebook com visão política conservadora.

⁷ A discussão pode ser mais aprofundada na obra de Pierre Bourdieu.



direito de todo cidadão, além de buscar uma sociedade mais solidária e justa, em que a competição e o mercado não sejam as premissas mais importantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de vida de Noélia ajuda a ratificar elementos comuns presentes na memória de jovens e adultos em processo de educação, mas também, contribui na percepção de que outros elementos presentes nos relatos. Um dos pontos que confrontam as experiências de outros alunos está no fato de Noélia buscar o processo de aprendizagem como forma de encontro de elementos novos para sua vida. Nas palavras da entrevistada, coloca-se que ela "quer sair daqui [da escola] carregando algo novo". Relatos informais com outros alunos evidenciaram uma busca pela EJA como forma de ascensão social, principalmente no tocante à carreira profissional. Dessa forma, o relato de Noélia evidencia uma lógica mais complexa, que além da busca por melhores condições sociais, também um crescimento individual, uma luta, talvez, por cidadania⁸.

As dificuldades vivenciadas por Noélia, de certa forma, apesar das especificidades, expõem questões de desestabilização social presentes no cotidiano de outros cidadãos envolvidos na EJA. Em outra entrevista realizada na mesma escola onde estuda Noélia, pode-se verificar a seguinte passagem:

Lindamir: Onde eu comecei a trabalhar? No Pantanal era muito matagal, muito pra trás, não existia quase casa. Onde é a Eletrosul hoje, ali era a dona da nossa casa que nós morava frente onde é o barriga verde, nós morava ali. O meu primeiro trabalho (choro)... o meu primeiro trabalho (choro). Eu fico emocionada (choro). O meu primeiro trabalho eu tinha 12 anos de idade. Sabe o que é que fazia? Eu trepava nas árvores, eu derrubava a galhada com 12 anos, eu me lembro até hoje eu tenho essa memória. (choro). Eu picava... E uma pessoa com 12 anos é o que?

Observa-se duas vidas que apresentam similaridades, quanto à questão da desigualdade. Em ambos os casos destaca-se o fato do trabalho ter começado em um período muito inicial da vida das entrevistadas, o que, com certeza, possuiu interferência negativa no avanço educacional.

⁸ Alguns trechos da entrevista, que não foram transcritos, evidenciam a preocupação da entrevistada em relação à educação. Noélia aponta que a educação serviu para ela como uma forma de "saber mais das coisas" e que isso está ajudando muito, mesmo depois de certa idade.



Esse artigo, portanto, tratou de questões gerais por meio de um caso específico. O que se desejou analisar foi a forma como as percepções de uma personagem, que se coloca no meio da educação de jovens e adultos, apresentou elementos relevantes para um entendimento mais amplo das questões da educação na EJA. As vivências dos pesquisadores com a problemática fizeram com que as percepções acerca da EJA fossem expandidas e, também, que novas formas de interpretações para a resolução de problemas educacionais do presente, com base em uma análise do passado, fossem encontrados.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. 253 p.

FREITAS, Lorena. A instituição do fracasso: A educação da ralé. In: SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: Quem é e como vive**. Belo Horizonte: Ufmg, 2009. Cap. 12. p. 281-304.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia social**, Programa de Pós Graduação em. Antropologia em primeira mão. Florianópolis: UFSC, 2004. p. 4-37. Disponível em: <<http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/Visualizar3.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1994. 553p (Coleção Repertórios).

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 266p.

MAGALHÃES, Murilo Genazio. Jovens egressos da educação de jovens e adultos : possibilidades e limites. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2009.

OLIVEIRA, Gilvan Muller (org). **Interesse, pesquisa e ensino: uma equação para a educação escolar no Brasil**. Florianópolis: Preto, 2004.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado**. Rio de Janeiro: Leya, 2016. 142 p